

## A VALORIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE E OS IMPACTOS NA SAÚDE EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

### TEACHING WORK APPRECIATION AND THE IMPACTS ON TEACHERS HEALTH IN PANDEMIC TIMES: A SYSTEMATIC REVIEW

Vanilda Batista Ribeiro<sup>1,\*</sup> / Berta Leni Costa Cardoso<sup>1</sup>

#### INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020) declarou em 11 de março de 2020 que a SARS-Cov-2 (covid-19) se transformou em uma pandemia, ou seja, a doença se espalhou por todo o planeta ocorrendo transmissão contínua. Com isso, diversos países fizeram o “distanciamento social”, com a intenção de proibir aglomerações para que as pessoas não transmitissem o vírus umas para as outras.

Segundo WU et al. (2020), a transmissão do vírus acontece principalmente por gotículas respiratórias, mas também pode ocorrer por gotículas presentes no ar e contato. Eles ainda lembram que casos assintomáticos podem desempenhar um papel crítico na transmissão.

WU et al. (2020, p. 45- 46) destacam que “os aparecimentos clínicos podem ser leves, moderados ou graves, podendo modificar de paciente para paciente, após a pessoa ser contaminada os sintomas frequentes como febre, tosse e mialgia”. Os autores ainda trazem que “alguns sintomas podem surgir dias depois, podendo também apresentar escarros, dor de cabeça, hemoptise e diarreia, ou até mesmo não se manifestar, que é o caso dos assintomáticos”.

Com a proibição de aglomerações para evitar a disseminação do vírus, as aulas presenciais foram canceladas em todos os níveis de ensino, havendo o retorno gradual de forma remota, fazendo com que os(as) professores(as) buscassem novas estratégias para suas aulas levando em conta as condições atuais, tudo isso tornando ainda mais difícil o trabalho docente.

Nos dias de hoje, principalmente devido à pandemia e ao momento político caótico em que o país se encontra, a desvalorização dos(as) profissionais da educação tem aumentado.

#### RESUMO

Nos dias de hoje, principalmente devido a pandemia e ao momento político caótico em que o Brasil se encontra, a desvalorização dos(as) profissionais da educação tem aumentado. O objetivo deste estudo consiste em avaliar a valorização do trabalho docente e identificar os impactos na saúde dos docentes em meio a pandemia através de estudos já publicados com essa temática. Foi conduzida no mês de julho e agosto de 2021 uma pesquisa eletrônica nas seguintes bases de dados: Scielo, Portal Capes, Gestrado e Google Acadêmico. Pode-se perceber que o ensino remoto agrava a precariedade das condições de trabalho, o que impacta diretamente na saúde do docente.

**Palavras-chave:** Docente. Saúde. Pandemia.

#### ABSTRACT

Nowadays, especially due to the pandemic and the chaotic political moment of Brazil, the depreciation of the education professionals has increased. The aim of this study is to assess the worth of teaching work and to identify the impacts on the health of teachers in the pandemic context through published studies on this topic. In July and August 2021 an electronic search was conducted in the following databases: Scielo, Portal Capes, Gestrado and Google Academic. It demonstrates that remote teaching aggravates the precariousness of working conditions, which directly impacts the health of the teacher.

**Keywords:** Teacher. Health. Pandemic.

*Submetido em:* 26 de out. 2021

*Aceito em:* 26 de out. 2021

<sup>1</sup>Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Guanambi, Bahia – Brasil

\*E-mail para correspondência: vanildar11@gmail.com

O trabalho passa a fazer parte de todos os momentos do cotidiano do(a) docente, visto que através das aulas remotas estes(as) não conseguem mais separar as horas de lazer e descanso do ofício. De acordo com Zaidan e Galvão (2020), que tratam em seu artigo sobre o impacto da pandemia na saúde mental de professores, tendo como objeto de reflexão as atividades remotas, evidenciam que professores(as) passaram por uma mudança brusca em suas rotinas definidas pela penetração do trabalho em todos os momentos do seu cotidiano, sem importar com o fato de que não tenham estrutura para o teletrabalho.

Os(as) professores(as) das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas trabalham em péssimas condições, e com elevadas e diversificadas demandas de trabalho. Em seu dia a dia, esses(as) trabalhadores(as) lidam com prazos, atividades de pesquisa e extensão, aulas, elaboração de trabalhos acadêmicos, relatórios, organização de eventos, palestras, produção de livros e artigos científicos, além de funções na gestão (VASCONSELOS; LIMA, 2021).

Segundo Vasconcelos e Lima (2021, p. 366), em sua pesquisa de campo com 16 assistentes sociais docentes de universidades públicas do Rio Grande do Norte, onde o objetivo foi analisar a relação entre trabalho e saúde-adoecimento de docentes de universidades públicas do Rio Grande do Norte (RN), trazem que as universidades públicas brasileiras se submetem à lógica do mercado, “com fortes rebatimentos na precarização e intensificação do trabalho docente, trazendo impactos nefastos à saúde destes(as) trabalhadores(as) e também na qualidade do seu trabalho.” Sendo assim, o objetivo deste trabalho consiste em avaliar a valorização do trabalho docente e identificar os impactos na saúde dos docentes em

meio a pandemia através de estudos já publicados com essa temática.

#### **METODOLOGIA**

Foi conduzida no mês de julho e agosto de 2021 uma pesquisa eletrônica nas seguintes bases de dados: Scielo, Portal Capes, Gestrado e Google Acadêmico. Utilizou-se a busca avançada, o operador booleano “AND” e os descritores: trabalho docente, valorização, saúde e pandemia.

Como critérios de inclusão e exclusão, delimitaram-se o ano de publicação a partir de 2011 e o formato da publicação artigos em periódicos e revisões.

A primeira consulta resultou em 16.221 artigos, sendo: 228 da Scielo; 65 da Capes (acesso restrito/UNEB); 28 do Gestrado e 15.900 do Google Acadêmico.

Como primeiro procedimento de exclusão, foram descartadas as publicações que estavam duplicadas, fruto da indexação do periódico em mais de uma base de dados; na sequência, realizou-se a primeira triagem subjetiva, caracterizada pela adequação do título com o objetivo da pesquisa, e após a leitura dos resumos restaram 36 artigos.

Procedeu-se então à leitura, na íntegra, dos 36 artigos; destes, 12 estavam alinhados com o objeto da pesquisa e compuseram o portfólio bibliográfico estudado.

Os autores Reis e March (2021), Vasconcelos e Lima (2021), Queiroz e Emiliane (2020), Rodrigues et al. (2020), Hoffmann (2019), Forattini e Lucena (2015) tratam a respeito do trabalho docente no ensino superior. E os autores Souza et al. (2021), Schimdt, Lopes e Pereira (2020), Zaidan e Galvão (2020), Gonçalves e Guimarães (2020), Araújo e Yannoulas (2020), Oliveira e Pereira Júnior (2020) discu-

tem sobre o trabalho docente no ensino superior, especialmente no contexto pandêmico, sobre o qual existem poucos estudos (De acordo Quadro 1).

#### **A RELAÇÃO ENTRE AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE/DOENÇA DO DOCENTE NA PANDEMIA**

A necessidade excessiva de produção e de atender às exigências institucionais acaba afetando em todos os aspectos a vida dos(as) docentes, pois estes(as) “se esforçam para realização de suas tarefas à exaustão, sacrificando repouso, lazer e férias em favor do trabalho, o que tem gerado consequências para a saúde” (RODRIGUES et al., 2020, p. 1830). A saúde/adoecimento do(a) docente está diretamente relacionada a valorização do seu trabalho, que ocorre em cinco dimensões, são essas: formação (inicial e continuada), carreira, salário, condições de trabalho e saúde. (CASTRO NETA, 2020)

Segundo Cardoso, Castro Neta e Ribeiro (2020), as influências neoliberais de uma forma geral bem como no ambiente escolar proporcionam condições de trabalho, às vezes, desfavoráveis ao bem-estar docente, precarizando o trabalho desses profissionais. No contexto pandêmico, essas condições de trabalho podem se agravar, uma vez que os docentes não estavam preparados para executarem tarefas que têm sido exigidas, e muitos não tiveram tempo nem oportunidades de se proverem de estratégias e ferramentas para desenvolverem seu trabalho.

Quadro 1: Distribuição dos artigos

Ano de Publicação	Título do Periódico	Título do Artigo	Autor/Autores
2021	Scielo	Trabalho docente, saúde e gênero: implicações da conjuntura político-econômica na educação superior	REIS, T. D.; MARCH, C.
2021	Scielo	Trabalho e saúde-adoecimento de docentes em universidades públicas	VASCONSELOS, I.; LIMA, R. L.
2021	Scielo	Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia	SOUZA, K. R. <i>et al.</i>
2020	Scielo	Ser docente no Século XXI: o trabalho em uma universidade pública brasileira	QUEIROZ, M. F. F.; EMILIANE, L. L.
2020	Scielo	A temporalidade social do trabalho docente em universidade pública e a saúde	RODRIGUES, A. M. S. <i>et al.</i>
2019	Scielo	Prazer e sofrimento no trabalho docente: Brasil e Portugal	HOFFMANN, C. <i>et al.</i>
2015	Google Acadêmico	Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho	FORATTINI, C. D.; LUCENA, C.
2020	Google Acadêmico	Impacto da pandemia no trabalho docente no ensino superior	SCHMIDT, J. B.; LOPES, F. M.; PEREIRA, S. L.
2020	Google Acadêmico	COVID19 e os abutres do setor educacional: a superexploração da força de trabalho escancarada	Z Aidan, J. M.; GALVÃO, A. C.
2020	Google Acadêmico	Aulas remotas, escolas vazias e a carga de trabalho docente	GONÇALVES, G. B. B.; GUIMARÃES, J. M. M.
2020	Gestradio	Trabalho docente, feminização e pandemia	ARAÚJO, S. C. L. G.; YANNOULAS, S. C.
2020	Gestradio	Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira	OLIVEIRA, D. A.; PEREIRA, J. E. A.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Segundo Rodrigues et al. (2020, p. 1833), em seu artigo onde o objetivo foi analisar aspectos da temporalidade do trabalho docente em sua relação com a saúde através de uma pesquisa com a participação de dez docentes de universidade pública, os autores garantem que essa demanda de trabalho gera nos(as) docentes: “‘preocupação’, sentimento de inquietação, ansiedade e estresse, o que contrasta com a necessidade de foco e concentração próprias ao seu processo de trabalho.” No que se refere à docência em Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), onde muitas atividades complexas lhes são atribuídas, Forattini e Lucena (2015), em seu artigo que discute o adoecimento e sofrimento dos docentes em Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil, a partir de dados empíricos colhidos por pesquisadores brasileiros, ressaltam que a pressão constante relacionada à qualificação, carreira, geração de resultados, e a competição com os colegas de vários níveis de cognição, além da carga de trabalho excessiva impactam significativamente em sua estrutura psíquica.

De acordo com Castro Neta, Cardoso e Nunes (2020, p. 127), “a classe trabalhadora tornou-se descartável e suscetível ao desenvolvimento dos processos de adoecimento”. Segundo os autores, o ambiente escolar e o trabalho docente sofreram impactos na reestruturação do Estado, havendo maior controle sobre as atividades que os docentes desenvolvem e também em relação à sua forma de ministrar aula, aos conteúdos ensinados e às formas de avaliação.

Silva, Bernardo e Souza (2016) também reforçam que a precarização do trabalho se caracteriza por ritmos intensos, competitividade, falta de reconhecimento e valorização social, fragilização dos vínculos, dentre outros.

Essas condições podem gerar problemas na saúde mental, como síndrome de Burnout, depressão, abuso de álcool e outras drogas, e até suicídio. Num contexto pandêmico, onde os lares se tornaram o ambiente de trabalho em tempo integral, houve consequências ainda pouco exploradas na saúde dos docentes. (SOUZA et al., 2021)

Segundo Carlotto e Câmara (2008), a síndrome de Burnout é um fenômeno psicossocial decorrente de uma resposta crônica aos estressores interpessoais ocorridos na situação de trabalho. É formada por três dimensões relacionadas, mas independentes, são eles: A exaustão emocional que é caracterizada pela falta ou carência de energia e entusiasmo e sentimento de esgotamento de recursos, somados a frustração e tensão; a despersonalização que ocorre quando o profissional passa a tratar os colegas de forma distante e impessoal; e a baixa realização no trabalho é caracterizada pela tendência do trabalhador em se autoavaliar de forma negativa.

Castro Neta, Cardoso e Nunes (2020) afirmam que embora a Síndrome de Burnout acometa majoritariamente profissionais que estabelecem contato direto e constante com o outro, ela é estabelecida pelo trabalho nos moldes do capitalismo, marcado pela exploração da mais-valia, alienação do trabalho e depauperação da força de trabalho.

De acordo com o estudo de Lenert (2011), realizado com 15 professores(as) de sociologia do ensino médio de escolas estaduais em Campinas (SP), pôde-se perceber que questões como a remuneração, jornada de trabalho, a carreira profissional e as relações no trabalho influenciam no desgaste físico dos docentes.

Em uma pesquisa realizada por Vasconcelos e Lima (2021) no âmbito do Estágio Pós-doutoral realizado na

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cujo objetivo foi analisar a relação entre trabalho e saúde/adoecimento de docentes de universidades públicas do Rio Grande do Norte (RN), foi possível perceber que 68,7% dos(as) docentes entrevistados(as) relataram vários problemas de saúde, e todos(as) estes(as) afirmaram que existe relação entre os influxos do trabalho e sua saúde/adoecimento.

Em seu estudo que compara as vivências de prazer e de sofrimento entre docentes de uma IES brasileira e outra portuguesa, Hoffmann et al. (2019, p. 13) trazem que, no fator danos físicos: “[...] as médias estão em nível crítico, em ambas as instituições. Os itens avaliados correspondem à ocorrência de dores, distúrbios da saúde e alterações do sono e apetite.” Os autores ainda salientam que apesar do trabalho ser predominantemente intelectual, há sim incidências de doenças relacionadas a ele.

O Estudo de Hoffmann et al. (2019, p. 14) também revela que “a sobrecarga cognitiva dada pela intensificação do trabalho docente [...] parte de aspectos de conjuntura mundial, condizentes à valorização do trabalho imaterial, inserção de novas tecnologias e nova relação entre produção e divulgação de conhecimento.” No fator esgotamento profissional, que diz respeito a uma organização do trabalho que impõe exigências que se traduzem em sobrecarga, o estudo apresentou nível crítico tanto no Brasil quanto em Portugal.

### **OS EFEITOS DA PANDEMIA NO PROCESSO DE PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE**

A desvalorização do trabalho docente é um problema que antecede a pandemia, contudo, nesse contexto, torna-se mais evidente. Gonçalves e

Guimarães (2020) realizaram uma pesquisa através do Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente (Gestrado/ UFMG), em parceria com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), e coletou entre 8 e 30 de junho de 2020 dados de 15.654 professores, com o objetivo de conhecer os efeitos das medidas de isolamento social, em função da pandemia da Covid-19. Neste estudo, os autores afirmam que “pensar a continuidade do funcionamento da escola na modalidade a distância apresenta enormes desafios para a regulação do trabalho docente, [...] gerando incertezas e ampliando cargas de trabalho e riscos para a saúde mental desses trabalhadores.”

Em se tratando do trabalho docente na universidade pública e o seu processo de precarização, Queiroz e Emiliano (2020), em seu estudo, onde foram entrevistados sete docentes da Universidade Estadual de São Paulo, e o objetivo foi analisar as percepções de docentes sobre o trabalho em relação à organização do trabalho e às implicações no binômio saúde/doença, destacam a pressão por produção intelectual, também o retrocesso de direitos, a precarização das condições de trabalho, a retirada de conquistas na carreira docente e a redução do número de professores(as) em relação aos alunos.

Além disso, Queiroz e Emiliano (2020, p. 2) afirmam que “envolvem: o alinhamento da escola à empresa e dos conteúdos ensinados às exigências do mercado, tendo em vista formar trabalhadores(as) para a obtenção de maior eficiência, produtividade e lucro em uma sociedade competitiva.”

Esses valores impostos culturalmente pela lógica capitalista introduzem mudanças na rotina de atividades dos(as) docentes, intensificam e prolongam o seu trabalho:

A pressão exercida para aumentar a quantidade de trabalho dentro da jornada de 40 horas tem se concretizado alicerçada na ideia de que os docentes devem ser “mais produtivos”. Sem dúvida, a produtividade impacta a autonomia intelectual, suscitando perda do controle sobre o próprio trabalho e a subsunção do trabalho intelectual e da produção de conhecimento à lógica do capital. (RODRIGUES *et al.*, 2020, p. 1831)

Sobre essa lógica do mercado, além de precarizar e intensificar o trabalho, impacta na sua qualidade, pois conhecimento crítico não se constrói de imediato. Segundo Lima (2016, p. 271), “[...] não se concebe uma formação de ensino superior submetida a lógica do custo-benefício, da competitividade e do aligeiramento e que é obrigada a mendigar recursos para suas pesquisas no mercado.”

Schmidt, Lopes e Pereira (2020) realizaram uma pesquisa com professores(as) da Faculdade Guilherme Guimbalá/ Santa Catarina, com o objetivo de compreender o trabalho docente durante a pandemia da SARS-Cov-2 (Covid 19). Através deste estudo, pode-se perceber que os(as) professores(as) não têm instrução para uso de tecnologia nas aulas remotas, e que a maioria deles não têm interesse em aprimorar seus conhecimentos tecnológicos.

A respeito das implicações das tecnologias no trabalho contemporâneo, Veloso e Mill (2018, p. 114) ressaltam ser por meio delas que “o capital, alicerçando-se nas tendências pós-fordistas, tende a flexibilizar os processos de produção com o objetivo perverso de aumentar a extração de mais-valia e precarizar o trabalho”

Acerca do pós-fordismo, Cantanhede (1973 apud VELOSO; MILL, 2018, p. 115), evidenciam que “este

termo, originário das concepções de Henry Ford, designa um modelo de produção que procura evitar, ao máximo, o desperdício e reduzir, ao mínimo, o ciclo de transformações.

Mais-valia ou mais-valor, segundo Marx (2013 apud RODRIGUES et al., 2020, p. 1831), é “o valor produzido para além do necessário à reprodução da força de trabalho”, ou seja, a extensão do trabalho, que diz respeito às horas trabalhadas não remuneradas. Ainda segundo o autor, “produz debilitação, desgaste e esgotamento, podendo levar trabalhadores à morte prematura.”

Referindo-se às distinções de gênero no trabalho docente, é evidente que as mulheres estão em condições de desvantagem em diversos aspectos, mesmo ocupando os mesmos cargos que homens, o trabalho da mulher é menos valorizado e ela costuma receber um salário inferior. Kergoat (2009) lembra que essa divisão tem dois princípios, de separação onde existe o “trabalho de homem” e o “trabalho de mulher”, e hierarquização onde o trabalho do homem “vale” mais que o da mulher. Ainda segundo a autora, no que se refere à docência, existe a relação entre isso e as qualidades consideradas próprias femininas, como paciência, destreza, cuidado com o outro, entre outras.

Barros e Cardoso (2020) afirmam que a falta de formação, as novas regras impostas pelo sistema e a necessidade de adaptação em curto espaço de tempo podem gerar conflitos a partir de experiências negativas como perdas, estresse, ansiedade e medo, podendo ou não impactar a vida desses profissionais.

Souza et al. (2021, p. 18), avaliando o contexto pandêmico, afirmam que “as novas demandas e diferentes metodologias de ensino acabaram sobrecarregando o professor, exposto a maiores exigências e desafios que re-

querem abertura às descobertas e às novas formas de aprendizagem sem um mínimo de capacitação”.

Reis e March (2021), em sua dissertação de mestrado, com objetivo de analisar as relações entre trabalho, saúde e gênero sob a perspectiva das docentes de uma unidade de ensino da área de saúde de uma universidade pública federal do Rio de Janeiro, onde foram entrevistados 13 professores universitários, afirmam que a divisão sexual do trabalho está relacionada a diferença biológica, isso é justificativa para destinar determinadas tarefas para homens e mulheres, concedendo diferente valor social, ou seja menor prestígio e remuneração.

Outra questão que evidencia a desvantagem da mulher é a dupla jornada de trabalho, além de todos os desafios encontrados nesse contexto atual, segundo Souza et al. (2021, p. 7), “dividi-lo em um espaço exclusivamente doméstico tornou ainda mais relevante a problematização das relações sociais de gênero, na medida em que as mulheres têm enfrentado o cotidiano de jornadas opressivas e exaustivas.”

Levando em conta a divisão desigual de tarefas domésticas, onde as mulheres são sobrecarregadas, principalmente àquelas casadas e com filhos, no home office, o trabalho doméstico aumentou visto que as pessoas passam mais tempo em casa, aumentando a sobrecarga de trabalho feminino. (SOUZA et al., 2021)

Os autores Araújo e Yannoulas (2020) abordam em seu texto os efeitos da pandemia no trabalho docente realizado na Educação Básica brasileira tendo em vista a especificidade de gênero, através da análise dos dados produzidos em 2020 pela pesquisa realizada pelo Gestrado/UFMG, em parceria com a CNTE. Pesquisa esta que demonstrou a agudização dos problemas de gênero,

imperantes antes da instauração do vírus, pode-se evidenciar que a maioria dos participantes da pesquisa percebeu um aumento das horas gastas para preparação das aulas não presenciais. Além disso, em relação ao gênero, a maior parte das mulheres (e dos homens) teve a percepção de aumento das horas de trabalho, porém mais mulheres (83,3%) possuíam tal percepção que os homens (79,6%). (ARAÚJO; YANNOULAS, 2020)

Através da pesquisa de Schmidt, Lopes e Pereira (2020), também foi possível evidenciar que com a pandemia, a demanda de trabalho dos(as) docentes aumentou, uma vez que os salários permaneceram os mesmos. Eles(as) precisam além de lidar com as novas tecnologias, se planejar, estudar e se reinventar para ter a atenção dos alunos.

Oliveira e Pereira Júnior (2020), em seu estudo com professores de educação básica nas redes públicas de ensino municipais, estaduais ou federal de todo o Brasil, tiveram o objetivo de conhecer o contexto atual de realização do trabalho docente durante a pandemia, deduzem que uma das possíveis causas desse aumento na demanda de trabalho seria a pouca ou insuficiente formação dos profissionais para lidar com tecnologias digitais.

Sobre os(as) docentes que atuam em cursos à distância, Veloso e Mill (2018, p. 116) destacam que esses(as) “se encontram sujeitos às perversidades do modo de produção capitalista que, via de regra, almeja a maximização dos resultados sem preocupações com as condições trabalhistas.” Segundo Souza et al. (2021), com esse cenário de pandemia exacerbou as desigualdades sociais, onde a extração do mais-valia ocorre através da multiplicação e precarização do trabalho e exploração do trabalhador.

No estudo de Castro Neta (2020), a autora evidencia que a precarização do trabalho docente no Brasil:

[...] inicia-se no período do regime militar em função da necessidade de atender a ampliação da escolaridade obrigatória, o que impulsionou, conseqüentemente, o arrocho salarial, o aligeiramento na formação e nas contratações dos docentes. No entanto, os processos de precarização do trabalho docente foram intensificados a partir dos anos de 1990 e 2000 por meio de uma série de reformas nas legislações trabalhistas, na organização produtiva, do Estado e a adoção das políticas neoliberais. (CASTRO NETA, 2020, p. 89)

A precarização do trabalho, segundo Druck (2011, p. 41), está “nas formas de inserção e de contrato, na informalidade, na terceirização, na desregulação e flexibilização da legislação trabalhista, no desemprego, no adoecimento, [...] na perda salarial, na fragilidade dos sindicatos)”

Piovezan (2017) define os elementos que caracterizam a precarização do trabalho docente no Brasil e em Portugal, sendo eles: a flexibilização do trabalho; a intensificação do trabalho; a flexibilização nas formas de contratação; o arrocho salarial; a perda do controle sobre o processo de trabalho; e o aguçamento da alienação.

Franco, Druck e Seligmann-Silva (2010, p. 232) salientam que: “Consolidada-se no imaginário social a noção de descartabilidade das pessoas, de naturalidade da insegurança e da competição de todos contra todos, ancorada na fragilização dos vínculos, nas rupturas de trajetórias profissionais, na perda da perspectiva de carreira”.

## CONCLUSÃO

Por se tratar de algo recente, ain-

da existem poucas publicações em relação ao trabalho docente na universidade no contexto da pandemia, mas já é possível perceber que nessa situação atual fica mais evidente a precarização do trabalho desses profissionais.

Nas circunstâncias atuais, houve uma maior intensificação e precarização do trabalho docente, entende-se que as mulheres são mais afetadas que os homens pela divisão desigual das tarefas domésticas, gerando assim para elas uma dupla jornada de trabalho. Essa precarização também se estende a aspectos como a questão da moradia do docente virar seu local de trabalho e suas redes sociais privadas passaram a ser um meio mais rápido de comunicação com a comunidade acadêmica não tendo esse docente nem dia nem hora mais definidos para esse trabalho.

Pode-se concluir através deste estudo que a saúde/adoecimento do docente está diretamente relacionada com às condições de trabalho. A exaustão no trabalho pode causar doenças como depressão e síndrome de Burnout, além do abuso de álcool e drogas. Em um contexto pandêmico onde tudo se intensifica, as conseqüências para a saúde docente ainda são pouco exploradas.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. C. L. G.; YANNOULAS, S. C. Trabalho docente, feminização e pandemia. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 754-771, set./dez. 2020.

BARROS, Claudia Cristiane Andrade; CARDOSO, Berta Leni Costa. A Educação no contexto da pandemia: reflexões acerca das condições de trabalho e saúde do profissional docente. In: **XXV EPEN – Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica da ANPED**. Faculdade de Educação da UFBA. Realizada de 4 a 7 de novembro d 2020. P.1-8.

CARDOSO, Berta Leni Costa Cardoso; CASTRO NETA, Abília Ana; RIBEIRO, Julia Cecília de Oliveira. Condições de trabalho: a tônica do neoliberalismo na profissão docente. In: **XXV EPEN – Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica da ANPED**. Faculdade de Educação da UFBA. Realizada de 4 a 7 de novembro d 2020. P.1-9.

CARLOTTO, M. S., CÂMARA, S. G. Análise da produção científica sobre a Síndrome de Burnout no Brasil. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 2, pp. 152-158, abr./jun. 2008.

CASTRO NETA, Abília Ana. **A precarização do trabalho e os impactos para o processo de adoecimento da classe trabalhadora docente**. 2020. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista – Ba, 2020.

CASTRO NETA, Abília Ana; CARDOSO, Berta Leni Costa Cardoso; NUNES, Claudio Pinto. O Adoecimento Docente: um produto do capitalismo. **LES Linguagens, Educação, Sociedade**. Teresina, Ano 25, n. 46, set./dez. 2020.

DRUCK, G. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? **Cadernos CRH**, Salvador, v. 24, p. 37-57, 2011.

FORATTINI, Cristina Damm.; LUCENA, Carlos. Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho. **Laplage em Revista**, Sorocaba, n. 2, v. 1, p. 32- 47, maio/ago. 2015.

FRANCO, Tânia; DRUCK, Graça; SELIGMANN-SILVA, Edith. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 35, n. 122, p. 229-248, jul. 2010.

GONÇALVES, Gustavo Bruno Bicalho; GUIMARÃES, Jane Mary Medei-

- ros. Aulas remotas, escolas vazias e a carga de trabalho docente. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 772-787, set./dez. 2020.
- HOFFMANN, C. *et al.* Prazer e sofrimento no trabalho docente: Brasil e Portugal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, 2019.
- KERGOAT, Danièle. Divisão Sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. *et al.* (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, p. 67-75. 2009.
- LENNERT, Ana Lúcia. Condições de trabalho do professor de Sociologia. **Cadernos Cedes**: Campinas, vol. 31, n. 85, p. 383-403, set./dez. 2011.
- LIMA, Rita Lourdes. Docência e Serviço Social: condições de trabalho e saúde. **Temporalis**, v. 16, n. 31, p. 261-279, 2016.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade; PEREIRA JUNIOR, Edmilson Antônio. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. **Retratos da Escola**, v. 14, n. 30, p. 719-734, 2020.
- PIOVEZAN, Patricia Regina. **As políticas educacionais e a precarização do trabalho docente no Brasil e em Portugal**. 2017. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.
- QUEIROZ, Maria de Fátima Ferreira; EMILIANE, Laiany Lara. Ser docente no século XXI: o trabalho em uma universidade pública brasileira. **Katál**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 687-699, set./dez. 2020
- REIS, Thiele Duarte; MARCH, Cláudia. Trabalho docente, saúde e gênero: implicações da conjuntura político-econômica na educação superior. **Katál**, Florianópolis, v.24, n. 2, p. 310-320, maio/ago. 2021.
- RODRIGUES, A. M. S. *et al.* A temporalidade social do trabalho docente em universidade pública e a saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**. p. 1829-1838, 2020.
- SCHMIDT, Jelson Budal; LOPES, Francielle Maes; PEREIRA, Sabrina Luana. Impacto da pandemia no trabalho docente no ensino superior. **Monumenta**, Joinville, V.1.n.2, p. 191-213, jul./dez., 2020.
- SILVA, M. P.; BERNARDO, M. H.; SOUZA, H. A. Relação entre saúde mental e trabalho: a concepção de sindicalistas e possíveis formas de enfrentamento. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, vol. 41, dez., 2016.
- SOUZA, Adriana da Silva; BARROS, Claudia Cristiane Andrade; DUTRA, Franciny D’Esquivel; GUSMÃO, Risia Silva Chaves; CARDOSO, Berta Leni Costa. Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e pós pandemia. **Ensino e Perspectivas**. Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1-23, 2021.
- SOUZA, K. R. *et al.* Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. Trabalho, **Educação e Saúde**, v. 19, 2021.
- VASCONSELOS, Iana; LIMA, Rita Lourdes. Trabalho e saúde-adoecimento de docentes em universidades públicas. **Revista katálisis**, Santa Catarina, mai./ago., 2021.
- VELOSO, Braian Garrito; MILL, Daniel. Precarização do Trabalho Docente na Educação a Distância: elementos para pensar a valorização da docência virtual. **Educação em foco**, p. 111-132, 2018.
- WU, Di; WU, Tiantian; LIU, Qun; YANG, Zhicong. The SARS-CoV-2 outbreak: what we know. *International Journal Of Infectious Diseases*. Amsterdã, p. 44-48. abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijid.2020.03.004>. Acesso em: 05 jul. 2021. Traduzido por Flávia Renata Ropelatto Pires e Sofia Mitsue Ishie.
- Z Aidan, J. M.; GALVÃO, A. C. “COVID19 e os abutres do setor educacional: a superexploração da força de trabalho escancarada”. In: AUGUSTO, C. B.; SANTOS, R. D. (orgs.). **Pandemias e pandemônio no Brasil**. São Paulo: Instituto Defesa da Classe Trabalhadora, 2020. P. 261-278.